



BONDER, Nilton. *A alma imoral*. Rio de Janeiro. Rocco, 1998.

Construir uma alma imortal

Estevan de Negreiros Ketzer*

Porto Alegre, Brasil

estevanketzer@gmail.com

בְּסִיְיַטָּא דִּישְׁמַיָּא

/Besiyata Dishmaya/

Com a ajuda de D'us

As coisas não costumam ser simples quando se está tentando construir um compromisso. Não por nada é algo que possui dois lados, duas visões, duas histórias sobre o mesmo evento. Este é um indicativo de que estamos de fato tratando de um relacionamento, portanto, do quanto duas dinâmicas particulares influenciam algo sui generis no mundo. Por que isso importa?

O livro de Nilton Bonder se importa inclusive com aquilo que tendemos a esquecer. Não o fazemos, pois é em uma preparação para aquilo que está por vir. Não apenas o orgulho de sermos uma nação messiânica, à espera da salvação, mas por fazer algo diante do mundo que nos cerca. Ser parte deste mundo ainda que o mundo tenha dificuldades em compreender, mas enviar assim uma corrente de traições à tradição a ponto de sermos obrigados a nos questionar: onde nós estamos e o que estamos fazendo? E como Abraão, Sara, Jacó, Esaú chegaram com dilemas familiares, muito antes da instauração da lei mosaica no testemunho vivo do Monte Sinai. Isto se deve ao fato de que a grande família judaica se forma pela lei ao desobedecer a lei, obedecendo com o corpo, mas em conflito com o amplo questionamento dos pensamentos. Assim, se constrói a alma, ao atentar a diversa capacidade de trazer conhecimentos para a cena da relação, ao invés de cair em uma conceitualidade pronta.

De uma forma muito sutil Bonder nos apresenta o quanto os binarismos “bom” e “mau” são mais complementares do que imaginamos, pois exigem de nós uma aproximação progressiva, um olhar para dentro, desertar o lado do cientista que possuímos em “um mundo onde o judeu não será outro, mas nós mesmos.”¹ Seremos parte de um todo mais complexo, tal como a noção chassídica do Birurim, traduzido por nós como refinamento. Refinamos quem somos para podermos nos aproximar de Deus, aprendendo a enfrentar as dificuldades, ao invés de termos medo delas e assim

* Psicólogo clínico e doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

¹ BONDER, 1998, p. 128.



nos afastarmos dos relacionamentos. Bonder mostra uma consciência em estado latente, quando comparada ao mundo da moral. A moral retrocede, encerra a dúvida, dificulta em muito que a consciência se desenvolva com saúde. Contudo, é quando damos a imoralidade um lugar para sermos nós mesmos estamos de fato recebendo as bênçãos de Deus em nossa vida.

Bonder não faz referência direta a quanto Spinoza, Freud e Levinas conservam a tradição ao contestarem ela. Precisamos trazer tais autores, justamente por não serem rabinos, incluindo aqui a aproximação destes autores ao cristianismo. O autor mostra um cristianismo como parte judaica, impreterivelmente. Está lá justamente para trazer algo do judaísmo para o mundo todo. E como muitas das perversões não compuseram com a tradição, Bonder mostra também o ressentimento daqueles que não conseguem mais compor com os outros nestas miríades de relações. A figura de Jesus Cristo entra em um lugar particular na história judaica como aquele que foi crucificado, unindo o plano vertical (espiritual) ao horizontal (material). Também a ideia de Abraão atualizada pelo cristianismo como as quatro direções de sua tenda, recebendo os estrangeiros, dando-lhes comida, acolhendo os doentes, os pobres, as prostitutas e os órfãos. Um menino órfão, filho de um pai desconhecido, como foi o caso de Jesus Cristo, também ele um pária na sociedade, mas também alguém para ser acolhido. Este papel fundamental do judaísmo ao ser “luz para as setenta nações” (אור לגויים) (*Isaías* 42:6). E isto, pois estes que precisam, possuem uma necessidade especial, também são carentes de sentido em suas vidas.

Durante a leitura de *A alma imoral*, o que fica é algo realmente algo pessoal. Um rico não saberá o que é a experiência de um pobre e quando tenta se aproximar, limitando sua potência, acaba sendo hipócrita sem o saber, pois está na sua condição a mesma experiência do pobre. “A alma encontra novos objetivos para a vida e, ao fazê-lo, fortalece indivíduos e a espécie, aumentando suas chances de sobrevivência.”² A vida encontra um meio, ela renegocia, e aí talvez possamos ver com nitidez o que ficou preservado. Preservamos a transgressão da lei. Só assim aprendemos de verdade. Por mais tenso que seja, esta foi a própria experiência de Sabbatai Tzvi, o messias autodeclarado de Esmirna, na Turquia. Este rabino cabalista, levou a comunidade judaica da Palestina ao constrangimento de retirarem suas certezas ao colocarem a experiência humana em prol da descoberta de si mesmos. Não poderia ser menos consternadora sua conversão forçada ao Islã no ano de 1666 da era comum, originando assim o aparecimento dos dōnme, cripto judeus convertidos forçadamente ao Islã. Este ruído conturbado, gesto que subverteu todas as aproximações do judaísmo com a religião, ou de pelo menos o entendimento tradicional que temos do que seja uma religião revelada como cristianismo, islamismo e judaísmo, exige um momento de reflexão mais profundo do que estamos acostumados a pensar. É um gesto honesto

² BONDER, 1998, p. 90.



para fazer frente à existência e sua intensidade, por vezes amortizada a ponto de não sentirmos mais com clareza o que nos acomete.

A *Alma Imoral* é uma ligação finamente espiritual com o que nos sustenta fisicamente. Não por nada Bonder aproxima sua reflexão do livro *Animal moral*, do biólogo neo-darwinista Robert Wright. Um animal moral não possui alma, atributos que o façam refletir sobre si diante da cultura. Um animal age por volições, não pela dúvida. Nossa parte animal, a estrutura de nosso DNA é cheia de erros que só agora a ciência começa a entender com um pouco mais de clareza: como corrigir as doenças genéticas? Corrigindo com a ciência as dificuldades que por milênios não tinham explicação alguma. A observação aos poucos nos leva a considerar como de fato mais importante a reflexão que nos conduz a “Amar a Torá mais do que a Deus” (Haguigah 1:7), trazendo assim o Talmud como parte da tradição, questionamento dela quando não se consegue mais ter uma conversa garantias.

Não menos importante é levarmos o livro de Bonder a interpretação pelo próprio corpo, como fez Clarice Niskier. A peça é também uma forma de visualizar o texto, dar corpo a alma, coadunar os opostos para vermos que são parte da mesma coisa. Não podemos nos iludir, mas... nos iludimos. É por rezar e estudar, mas talvez para que os outros vejam ao invés de ser o nosso ato, precisamente, a essência de toda a criação. Este fato joga para uma responsabilidade cada vez maior de nossa consciência sobre a pessoa que temos para nos preocupar e dela podermos aproximar o mundo traindo a tradição nesta tênue tentativa de viver a vida como um mistério muito simples de ser resolvido: *Besiyata Dishmaya*, do aramaico, “com a ajuda de Deus”. Nesta língua falada por tantos judeus na antiguidade, mas também a falada por Jesus em sua tentativa de se expressar. Talvez neste meandro de caminhos esteja a alma transformada, caminhando de sua imoralidade para sua imortalidade, voltar à raiz da sabedoria, quando nossa sensibilidade era capaz de sentir a proximidade com as nossas próprias origens.

Recebido em: 10/03/2022.

Aprovado em: 30/03/2022.